



### 3.3 • Metamorfoses da violência

## Velhas ou novas guerras, eis a questão (I)

Rita Duarte

A DÉCADA DE 1990 apresentou várias incógnitas aos cientistas de relações internacionais. Com o clima de desanuiamento que se gerou com o fim da Guerra Fria, os primeiros tempos foram de optimismo, com a esperança depositada numa Organização das Nações Unidas que se esperava mais interventiva e menos refém das estratégias do mundo bipolar que acompanharam a sua existência até então. A intervenção no Iraque de 1991 pareceu ser um sinal dessa colaboração internacional. Contudo, este optimismo rapidamente se desvaneceu com o agravamento dos conflitos na Somália (em 1993 registou-se o assassinio de 43 capacetes azuis da UNOSOM), na Bósnia (1992-1995) ou o genocídio do Ruanda (1994).

A violência extrema que se registou nestes conflitos levou alguns académicos a identificar características e contornos nos conflitos pós-Guerra Fria como sendo distintos das características e contornos dos conflitos decorridos nos últimos cem anos. É em sequência destas análises que surge a designação de “novas guerras”, tendo Donald Snow, em 1996 (citado por Edward Newman), sido um dos primeiros a referir que “a principal diferença entre os sistemas internacionais da Guerra Fria e do pós-Guerra Fria era o padrão de violência que se tinha desenvolvido no sistema pós-Guerra Fria”<sup>1</sup>.

Sendo recentes, as ‘novas guerras’ têm também sido designadas como ‘guerras da pós-modernidade’, ‘conflitos de baixa intensidade’, ‘guerras privatizadas ou guerras informais’<sup>2</sup>, mas também conflitos ‘contemporâneos’, ‘modernos’<sup>3</sup> ou ‘guerras degeneradas’<sup>4</sup>. Entre os teóricos defensores das ‘novas guerras’, há igualmente algumas diferenças, consoante a tónica incida mais sobre o financiamento dos conflitos ou sobre o contexto envolvente. Mark Duffield, por exemplo, define as ‘novas guerras’ “como uma forma de guerra em rede”, que “não são territoriais nem estatais”: “guerras que utilizam redes cada vez mais privatizadas com actores estatais e não-estatais, que actuam para além das competências convencionais de governos definidos territorialmente” e que “atenuam as distinções entre pessoas, exércitos e governos”<sup>5</sup>.

Para outros teóricos, a ênfase dos conflitos actuais é dada à motivação dos actores, que se dividem entre actores que reivindicam direitos políticos e pretendem diminuir sentimentos de ressentimento colectivo, e actores movidos por pura ganância privada<sup>6</sup>.

Entre diferentes ênfases e diferentes abordagens, Mary Kaldor, professora de Global Governance na London School of Economics, apresentou uma estrutura bastante delineada sobre a sua visão relativa ao “novo tipo de violência organizada que se desenvolveu” na época pós-Guerra Fria –

que a autora também designa por ‘novas guerras’ –, e que utilizamos aqui para apresentar melhor este conceito. No seu livro “New and old Wars – organized violence in a global era” (primeira edição de 1999 e segunda de 2006), Kaldor analisa a forma como decorriam os conflitos existentes, bem como a forma como com eles lidava a comunidade internacional<sup>7</sup>.

Para que surja ou decorra uma ‘nova guerra’, Kaldor destaca a necessidade da existência de um contexto próprio: o contraste com o pensamento dominante e prevalecente durante a Guerra Fria sobre o próprio conceito de guerra; características específicas no conflito, conjunturas nacionais e internacionais particulares; e uma vasta rede global de relações, de pendor económico, ideológico ou outro. Nenhum destes factores poderá ser considerado isoladamente como causa de uma ‘nova guerra’ e é a interacção destes factores que materializa este novo tipo de conflitualidade como uma ‘nova guerra’.

### O que é uma ‘nova guerra’?

Em termos genéricos, Kaldor distingue as ‘novas guerras’ das anteriores porque as diferenças entre “guerra (geralmente definida como violência entre Estados ou grupos organizados por motivos políticos), crime organizado (violência conduzida por grupos de organização privada, com objectivos privados, normalmente o lucro financeiro) e violação massiva de direitos humanos (geralmente por parte dos Estados ou por grupos politicamente organizados contra indivíduos)”, deixaram de ser tão definidas.

Ao utilizar o termo ‘guerra’, Kaldor tem o intuito de realçar o pendor político do uso da violência nos conflitos actuais; e com o termo ‘novo’ refere-se ao contraste com o conceito de guerra tal como foi identificado por Clausewitz. Esse conceito, predominante desde o século XVIII, serviu para “a construção do Estado moderno territorial, centralizado, racional e hierarquicamente ordenado”. Neste cenário os Estados eram os únicos actores, “detinham o monopólio legítimo do uso da violência organizada” e eram motivados por “um fim politicamente definido: o interesse do Estado”, o que, segundo a autora, não se verifica nos actuais conflitos.

Além disso, e à semelhança da maioria dos autores das ‘novas guerras’, Kaldor refere que no novo contexto de pós-Guerra Fria os conflitos intraestatais diminuíram e, em contrapartida, os conflitos interestatais aumentaram significativamente. Neste contexto, Mary Kaldor utiliza o conceito ‘nova guerra’ por não considerar apropriado a designação de ‘guerra civil’, ‘guerra interna’ ou ‘conflito de baixa intensidade’ ao falar destas ‘novas guerras’: esta nova forma de violên-

cia organizada deixou de ser localizada, assumiu contornos regionais, e “envolve uma miríade de ligações transnacionais, nas quais a distinção entre interno e externo, entre agressão (ataque do exterior) e repressão (ataque de dentro do país), ou mesmo entre local e global, são difíceis de identificar”.

Kaldor realça também que a consciencialização dos Estados, durante a Guerra-Fria, em como estes já não podem fazer a guerra individualmente, levou à “transnacionalização do monopólio legítimo do uso da violência organizada [para organizações regionais e internacionais]” e isto, quando aliado ao enfraquecimento do Estado a nível interno e à consequente privatização da violência, contribuiu igualmente para o aparecimento das “novas guerras”.

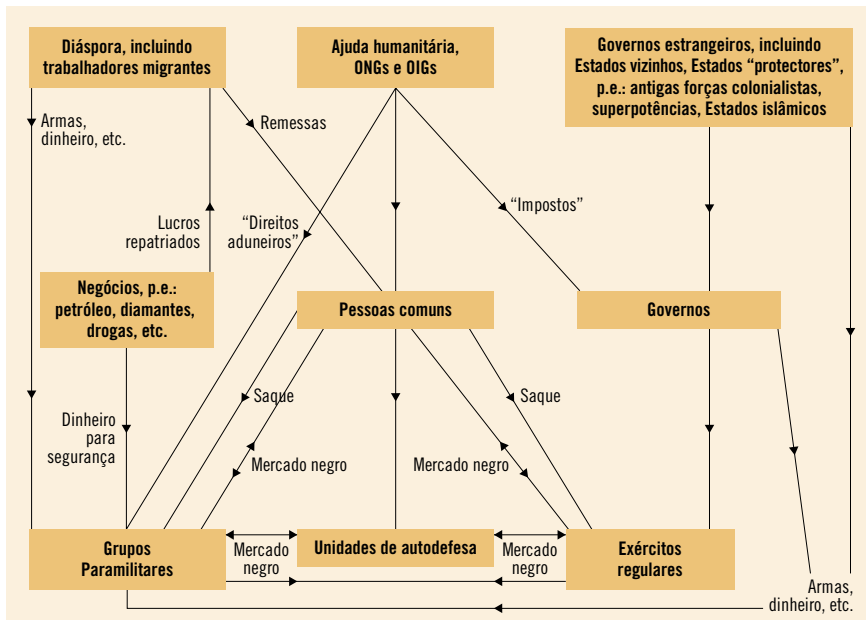
### Objectivos, métodos e financiamento das “novas guerras”

Para Kaldor uma ‘nova guerra’ pode ser caracterizada segundo os seus i) objectivos, ii) métodos de guerra e iii) formas de financiamento.

No que diz respeito aos objectivos, Kaldor afirma que nas ‘novas guerras’ os objectivos dos seus actores passaram a ser as políticas de ‘identidade’, em contraposição às políticas de ‘ideias’ (que englobam um processo de construção de sociedade, próprias das guerras de Clausewitz). Ou seja, as reivindicações de poder estatal são feitas com base numa identidade particular, étnica, racial ou religiosa – que designa como “rótulos”, baseados na dicotomia ‘nós’ e os ‘outros’ – geralmente voltadas para um passado glorioso, real ou que gostariam que tivesse acontecido (caso de sociedades colonizadas que viram interrompido um processo de evolução próprio).

“ [...] as diferenças entre guerra [...], crime organizado [...] e violação massiva de direitos humanos [...], deixaram de ser tão definidas. ”

A segunda característica é o método utilizado para fazer a guerra, com padrões de violência elevados e em que os efeitos secundários das anteriores guerras, as vítimas civis, se tornaram no alvo principal dos actores bélicos. Segundo Kaldor, em vez do confronto militar convencional directo, utilizam-se técnicas de guerrilha e de contra-insurgência para controlar o território politicamente. Contudo, nas ‘novas guerras’, o



**Fluxo de recursos nas 'novas guerras'.** Fonte: KALDOR, Mary (2006) — *New & old wars – organized violence in a global era*. Polity Press, Cambridge.

controlo da população é feito através do “medo e do ódio”, em vez, como diz a autora, das técnicas utilizadas por Che Guevara e Mao Tse Tung de conquistar “corações e mentes”. A criação e manutenção de um ambiente de insegurança, feito agora de forma deliberada e racional através de técnicas de intimidação política, económica ou psicológica – incluindo uma nova tática, a da limpeza étnica – é utilizado pelas facções bélicas das ‘novas guerras’ como meio de controlo social. De acordo com Kaldor, este facto é comprovado pelas estatísticas: no início do século XX a maior percentagem de vítimas eram militares: aproximadamente de 85 a 90%; em finais da década de 1990, cerca de 80% das vítimas em conflitos eram civis. Além disso, o aumento da violência contra civis reflecte-se também no número de pessoas deslocadas e refugiadas, que aumentou igualmente de forma significativa nas últimas décadas. Kaldor identifica ainda outro elemento nesta alteração do padrão da violência, que é o aparecimento de uma grande variedade de grupos combatentes. A perda de legitimidade estatal – nomeadamente do já referido monopólio do uso legítimo da violência organizada – dilui as diferenças entre combatentes públicos e privados, e entre soldados e polícias (como legítimos detentores de armas) e combatentes e criminosos. Os novos grupos de actores caracterizam-se por serem autónomos e descentralizados, públicos e privados, estatais e não estatais (ou ainda, mistura de ambos): Forças Armadas regulares ou unidades dissidentes descontentes; senhores da guerra, grupos paramilitares; grupos terroristas; unidades de autodefesa; mercenários estrangeiros... A última característica identificada por esta autora consiste na alteração da economia de guerra. Com o fim do sistema bipolar e o conseqüente desaparecimento das ajudas financeiras internacionais a Estados ou a movimentos rebeldes, os actores nestes conflitos tiveram de encontrar fontes de financiamento alternativas e o lucro – ou a ganância – passa a ser a sua principal motivação.

A existência em abundância de recursos naturais em alguns Estados, Estados esses muitas vezes sem condições para garantir a segurança e controlo na totalidade do território nacional, cria a oportunidade para o aumento do comércio ilegal dos seus recursos naturais.

As ‘novas guerras’ surgem assim em países económicos e socialmente fragilizados, com baixa produtividade e altas taxas de desemprego. Com o despoletar do conflito e a destruição das estruturas produtivas e comerciais nacionais, aliado à diminuição de dividendos dos impostos e às conseqüências inerentes da competitividade global, os grupos combatentes tendem a autofinanciar-se. Para isso, num contexto de crescente aumento da economia informal, os grupos combatentes utilizam métodos como a pilhagem, extorsão, tomada de reféns, criação de postos de controlo, ‘impostos de guerra’, diversas formas de comércio ilegal, entre outros. Tal como já referido, nas ‘novas guerras’, o objectivo das facções é a perpetuação do clima de ódio, medo e insegurança e não a vitória militar e assim mantêm o controlo sobre as fontes de recursos. Além disso, as partes beligerantes têm consciência que num clima de paz serão criminalizadas pelas suas actividades ilegais.

### A globalização e as ‘novas guerras’

Para a autora estas três principais características estão inevitavelmente associadas ao contexto internacional e à influência da globalização nos teatros locais. O actual contexto internacional permite uma interconectividade global veloz em todas as áreas – política, económica, militar, civil, tecnológica, cultural –, e desconstrói as divisões culturais e socioeconómicas que definem os padrões das políticas que caracterizam o período moderno. Desta forma as fronteiras existentes em todas as esferas esmorecem: público/privado, estatal/não-estatal, formal/informal, interno/externo, local/global. Como conseqüência, cria-se um contexto de “dissonância cultural crescente

entre aqueles que participam nas redes transnacionais e aqueles que são excluídos dos processos globais e estão ligados às localidades (apesar de influenciados por esses processos)”. E este novo tipo de guerra tem de ser compreendido à luz desta desarticulação global.

Neste pequeno ensaio, entre estas três características destacaríamos a ligação que Kaldor identifica da globalização com a nova economia de guerra, que literalmente a autora designa como “economia de guerra globalizada” e na qual se verifica a forte dependência dos recursos externos. No contexto economicamente fragilizado já descrito, o autofinanciamento das unidades combatentes inclui, além das formas referidas, as remessas de emigrantes às famílias, ajuda da diáspora, ‘impostos’ cobrados às ONGs, apoio dos governos vizinhos ou comércio ilegal de recursos naturais – diamantes, ouro, petróleo –, bem como tráfico humano.

O apoio externo desta “economia globalizada informal” surge sob diversas formas, a que Kaldor chama ‘fluxos externos’, proveniente principalmente da ajuda humanitária e remessas de emigrantes e que “são integradas numa economia local e regional baseada na transferência de bens e comércio ilegal”. No gráfico que se apresenta são visíveis as ramificações financeiras desta circulação global de que fala a autora.

Esta teoria das ‘novas guerras’ não é consensual e a validade do seu contributo para a compreensão dos conflitos contemporâneos tem dado origem a debate no mundo académico. Para Kaldor, a importância de identificar a violência organizada contemporânea como sendo ou não uma ‘nova guerra’ é crucial e prende-se com a necessidade de alterar a forma como os académicos interpretam e analisam os conflitos. Dela irá depender a tomada de decisão política e conseqüente resolução – ou prolongamento – dos conflitos. ■

### Notas

- NEWMAN, Edward (2004) — *The ‘New Wars’ Debate: A Historical Perspective is Needed*. SAGE Publications, PRIO.
- MOURA, Tatiana (2004) — *Novíssimas guerras, novíssimas pazes. Desafios conceptuais e políticos*. Núcleo para a Paz, CES – Universidade de Coimbra. Em linha: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/214.pdf>.
- NEWMAN, *op cit*.
- KALDOR, Mary (2013) — “In Defence of New Wars”. *Stability: International Journal of Security and Development*. 2(1): 4, pp 1-16, DOI: <http://dx.doi.org/10.5334/sta.at>.
- MOURA, *op cit*.
- KALYVAS, Stathis N., (2001) — “‘New’ and ‘Old’ Civil Wars: a valid distinction?”. *World Politics*. Volume 54, Number 1, October 2001, pp 99-118 (article), The John Hopkins University Press DOI: 10.1353/wp.2001.0022.
- Este texto é elaborado com base na segunda edição do livro. Ver KALDOR, Mary (2006) — *New & old wars – organized violence in a global era*. Polity Press, Cambridge. (tradução da autora)